

Não há grades nem algemas separando os professores dos alunos na sala do Cursinho Pré-vestibular que existe dentro da Penitenciária Estadual de Londrina – II (PEL 2).

Em 2013, o juiz titular da Vara de Execuções Penais (VEP) de Londrina, Katsujo Nakadomari, junto com a professora que coordenava o CEEBJA (Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos), começaram a buscar um projeto que desse seguimento aos estudos dos detentos que concluíam o ensino médio dentro das unidades penais da comarca.

Assim, foi firmada uma parceria junto à UEL (Universidade Estadual de Londrina), o que possibilitou a constituição da primeira turma do cursinho pré-vestibular. “A ideia era dar algum encaminhamento aos presos que concluíam o ensino médio e não tinham outras oportunidades de estudo. Assim começou a turma de 2013”, conta Nakadomari.

Segundo Miriam Medre Nóbrega, pedagoga na PEL 2, em 2013 havia cerca de 960 detentos na unidade. Apenas 25 já possuíam diploma de ensino médio. Na época, o cursinho aprovou 6 alunos no vestibular da UEL.

A partir do momento em que o juiz da VEP passou a liberar os apenados para estudar, muitos outros começaram a se interessar pela oportunidade.

Em 2014 o convênio firmado entre o Depen/PR (Departamento Penitenciário do Estado do Paraná) e a UEL foi rescindido. Assim, os detentos que pretendiam prestar vestibular estudavam por conta, com os materiais cedidos pelo CEPV/UEL (Cursinho Especial Pré-Vestibular da UEL).

Através de uma iniciativa conjunta da direção da PEL, do Juiz da VEP e da Universidade, o projeto foi retomado em 2019. Através do investimento do Conselho da Comunidade, foi aberta uma turma para 50 alunos, que recebem o mesmo material acessado pelos estudantes do CEPV/UEL – um projeto de extensão da Universidade, onde quem dá as aulas para os vestibulandos são os próprios alunos de graduação.

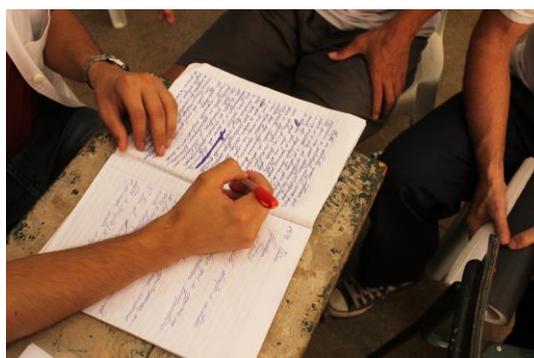
Como esclarece Nóbrega, há uma Comissão Técnica de Classificação, formada por profissionais do jurídico, da pedagogia e da psicologia que selecionam quais detentos podem participar das aulas do cursinho. São critérios de seleção: o tempo de pena a ser cumprido (privilegiando os detentos que possuem perspectiva de sair mais cedo), o perfil do apenado e o comportamento dentro da unidade. Condenados por crimes sexuais, por exemplo, não podem participar das aulas do curso, pois ficam numa galeria separada dentro da Unidade. Contudo, podem prestar o vestibular e o Enem. Como o acesso dos apenados ao estudo é uma garantia constitucional, “não existe pena impeditiva de acessar o vestibular”, como esclarece a pedagoga. Sobre a importância de tal medida como forma de acessar o estudo, ela ainda arremata que “se não é pela educação, por outro caminho é muito difícil. É uma perspectiva de mudança de vida”.

Segundo Emerson Chagas, 47, diretor da PEL 2, dos 1240 detentos que estão hoje na unidade, apenas 120 têm o ensino médio completo – menos de 10% da unidade. Ele estima ainda que cerca de 70% dos apenados que chegam à PEL 2 têm como escolaridade o fundamental incompleto. Dos 35 alunos do cursinho que aceitaram conversar com a reportagem, apenas dois já haviam colocados os pés dentro de uma universidade: um é formado em Administração e outro cursou seis meses de Engenharia Elétrica antes de ser preso. Mais da metade havia concluído os estudos de ensino fundamental e médio dentro de unidades prisionais.

Diferentemente do que pode ser para muitos, cursar uma graduação não era uma realidade acessível para a maioria dos detentos. V., 37, parou os estudos aos 10 anos e concluiu-os dentro de uma unidade penal em 2013. Ele pondera que “Apesar de eu estar preso, esses três anos que eu trabalho na biblioteca foram a melhor fase da minha vida. [...] Quando eu via as pessoas na faculdade, esses universitários, para mim era só rico. Nunca passou pela minha cabeça que eu conseguiria entrar uma vez na UEL”.

Outro aluno do Cursinho, J., 35, começou a trabalhar aos 16 como entregador em uma farmácia. “Por trabalhar das 2 da tarde até as 10 da noite eu fui desanimando de estudar”. Ele parou no primeiro ano do ensino médio e finalizou os estudos na Casa de Custódia em 2018. “Eu não tinha condição de fazer nem um curso técnico em enfermagem ou algo assim por não ter terminado os estudos, quanto mais de ser um enfermeiro ou um médico. É uma realidade muito distante para quem vive na periferia, para quem mora na margem da sociedade. Agora eu tô conseguindo poder voltar sonhar de novo”. Sobre o cursinho dentro da Unidade, ele afirma que “Foi o que aconteceu de mais importante na minha vida e na de muitos que estão aqui. Agora, mesmo que nós não consigamos neste ano ingressar na universidade nós podemos retomar sonhos antigos, que foram frustrados não pelas pessoas, mas por nós mesmos”.

Seja pelo sonho se aproximar da liberdade, seja pelo acesso a algo que até então era inatingível, em 2019 havia 26 apenados cursando uma graduação, segundo informações do Creslon (Centro de Reintegração Social de Londrina), órgão responsável pelos detentos que estão cumprindo regime semiaberto. Até o encerramento desta reportagem, o órgão tinha registrado 41 detentos que deixaram unidades penais de regime fechado cursando alguma graduação.



**Vestibular 2020** – Da primeira para a segunda fase do Vestibular 2020 da UEL, 27 alunos do Cursinho da PEL 2 foram aprovados – o que representa 54% de aprovação. Ao final do vestibular, foram aprovados em primeira convocação 10 detentos, 20% da turma inicial.

Como afirma a professora Rita de Cássia Rodrigues, coordenadora do CEPV – UEL e do projeto que atende a Penitenciária, o cursinho dentro do *campus* teve 91 aprovados, o que representa 19% em relação aos 457 alunos que prestaram a primeira fase do vestibular.

Até o fechamento desta reportagem, 3 detentos que não foram contemplados com as vagas no cursinho passaram na segunda fase do vestibular, estudando por conta própria, e mais um aluno foi aprovado na segunda convocação.

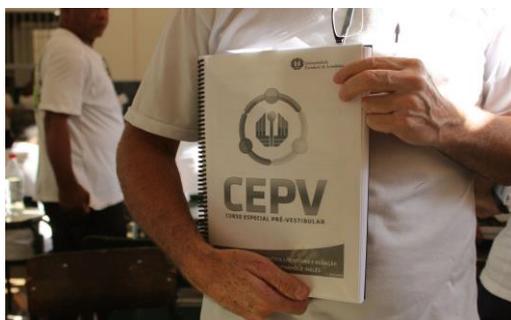
**“A segurança não se faz só com cadeado e concreto”** – Diversas são as dificuldades para se manter um cursinho dentro de uma unidade penal. Além das dificuldades técnicas e da escassez de recursos financeiro e humanos, Chagas aponta que a maior delas está na mudança da forma como a sociedade pensa: “a maior dificuldade está na questão do ser humano”.

Como ele esclarece, a unidade está desde o começo do ano passando para o formato de Unidade de Progressão. Trata-se de um projeto do Depen, no qual todos os detentos devem estar integrados em programas de trabalho ou de estudo.

Linimar Aguiar Fernandes, 43, chefe de segurança da PEL 2 e agente penitenciário da unidade há 7 anos, nota diferença na conduta dos detentos e maior facilidade de organização na segurança das galerias em que os apenados acessam algum nível de estudo. “A segurança não se faz só com cadeado, grade e concreto. A segurança se faz com a humanização do detento. A partir do momento que você possibilita o tratamento penal digno, dando oportunidades, é notória a mudança”.

Ele ainda alerta para a importância de que o apenado possa de alguma maneira ter chances de se aprimorar: “O preso que hoje entra aqui e fica 10 anos sem nenhuma oportunidade de estudo vai sair do mesmo jeito ou pior. [...] Essas pessoas vão sair uma hora. Elas não vão ficar eternamente aqui. E aí?”.

O juiz da VEP, Katsujo Nakadomari, faz o mesmo alerta: “Enquanto o preso está na cadeia ele está contido. Quando ele sai – e ele vai sair uma hora, porque não existe prisão perpétua no Brasil – ele vai estar contigo. A senhora [repórter] quer ele do seu lado ressocializado ou quer ele bandido?”.



**Um novo futuro?** – Não basta, contudo, passar no vestibular. Depois de aprovados, os detentos passam por uma entrevista junto ao Juiz da VEP, que decidirá quem pode frequentar uma universidade. “É difícil. Você não imagina como é difícil. [...] Eu não posso errar com a comunidade”, afirma Nakadomari.

O Juiz da VEP analisa, conforme os antecedentes, as intenções e o crime praticado quais detentos possuem perfil adequado para poder sair e voltar para a unidade prisional diariamente. “Eu converso um por um, gasto 1 a 2h com cada. Não tem importância”, ele ratifica. Um dos critérios mais importantes é que o preso, através do estudo, não venha a reincidir em nenhuma prática criminosa: “Eu quero liberar o preso para não mais reincidir. Todo o sistema é falho. Mas nem por isso nós vamos nos entregar”.

Um dos alunos do cursinho, de 28 anos e preso na PEL 2 há 5, pondera sobre o curso: “Uma palavra para mim resume: oportunidade. Para a direção do sistema, para a sociedade em si, ver o valor que a gente tem como ser humano, não só como preso. A gente pode ser alguém, tem o benefício da escolha de almejar algo na vida”. Para ele, ainda há muita esperança: “Esse projeto abre o olho, a alma e o coração das pessoas”.

Por Isabella Alonso



